

LEITURA, PRODUÇÃO TEXTUAL E CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE NA EJA.

LUDMILA GIARDINI NORONHA (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, CAMPUS POÇOS DE CALDAS.).

Resumo

Esta pesquisa vincula-se ao curso de Especialização denominado Alfabetização e Letramento da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, campus Poços de Caldas. O objetivo da mesma é identificar de que maneira a subjetividade dos alunos da EJA se manifesta no processo de leitura e produção de textos. Este interesse surgiu a partir de análises feitas em produções escritas, nas quais se constatou que o educando ao produzir um texto, tomando outros como referência e discussões sobre um determinado assunto, produzia uma multiplicidade de sentidos, introduzindo aspectos subjetivos que faziam parte de sua constituição. Destaca os elementos históricos, sociais e ideológicos que contribuem para a subjetivação dos sujeitos da EJA. Utiliza como corpus linguístico as leituras e escritas realizadas durante o processo de escolarização, procurando através da análise discursiva atribuir significados aos dizeres produzidos nestas práticas, apreendendo indícios de como os sujeitos se constituem, significam o mundo e constroem sua subjetividade. No processo de elaboração dos sentidos e saberes, experiências se interrelacionam através da prática dialógica. Esta pesquisa fundamenta-se nos princípios teóricos – metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa, cujos autores pressupõem que os sujeitos se constituem através de um processo histórico, social e ideológico, no qual os dizeres e os discursos se entrelaçam. A subjetividade é resultado de práticas concretas que se dão através das relações sociais, nas quais os sujeitos estão/são submetidos. O estudo oportuniza compreender a heterogeneidade/singularidade dos sujeitos e dos seus dizeres demonstrando que as interpretações perpassam o campo da subjetividade e das experiências de cada ser.

Palavras-chave:

Leitura, Produção Textual, Subjetividade.

Este trabalho é recorte de uma pesquisa mais ampla que procurou investigar a manifestação da subjetividade no processo de leitura e produção textual na EJA, pois ao adquirir os domínios da linguagem escrita os sujeitos demonstram suas constituições sociais, históricas e ideológicas.

Destacamos o conceito de subjetividade que para Benveniste (1995) se refere ao mundo interno de cada indivíduo que por sua vez ao eu de cada um, a sua personalidade, às manifestações internas que se expressam pela linguagem. A individualidade, a consciência de si mesmo só pode ser experimentada em contraste, sendo através da linguagem que o sujeito encontra a possibilidade da subjetividade. Neste sentido o sujeito só diz *eu* quando se dirige a alguém, neste momento de interlocução a singularidade se expressa discursivamente, incluindo a categoria de pessoa, de sujeito, designando-se como *eu*. Esta posição se inverte sempre, o *eu* também é um *tu* uma vez que o *tu* também é um *eu*.

Recorrendo a Pêcheux (1995) percebemos que a constituição da subjetividade está relacionada à interpelação ideológica. Considera que pensar o eu separado do outro é uma ilusão, a ilusão discursiva do sujeito que consiste em pensar que ele é a fonte, a origem do sentido que diz. Nesta teoria o autor inclui o conceito de discurso. Assim os sujeitos são interpelados em “sujeitos – falantes pelas formações discursivas que representam, na linguagem, as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (PÊCHEUX, 1995: 161). A ideologia e o inconsciente possuem a função de se mascarar no interior de seu funcionamento, produzindo evidências subjetivas, estas responsáveis não por afetar o sujeito, mas por constituí-lo. O sujeito não é interpelado pela ideologia, mas o não-sujeito é constituído em sujeito por ela. O significado das palavras e a forma como o mesmo é interpretado depende das posições sustentadas por aqueles que a empregam e fazem referência às formações ideológicas nas quais estas se inscrevem. Esta constituição nos remete a historicidade que se relaciona à formação discursiva no qual o sujeito está mergulhado com outros sujeitos. Pêcheux (2002) analisa a existência do outro na sociedade e na história possibilitando a ligação com a interpretação. Os sujeitos interpretam a realidade de acordo com o contexto discursivo no qual estão inseridos. Esta interpretação está perpassada pela ideologia e pela subjetividade.

Para Bakhtin (1995), a palavra, o discurso interior é signo ideológico que possui um significado que remete a exterioridade. O autor critica o fato de que a ideologia está relacionada à consciência. A própria consciência surge e se afirma como realidade, mediante a encarnação material em signos. Onde existe ideologia existe signo e tudo que é ideológico possui um valor semiótico. Sendo assim o psiquismo deve ser compreendido enquanto signo. As palavras são tecidas a partir de fios ideológicos capazes de demonstrar tanto as relações sociais quanto as mudanças nas mesmas. O que caracteriza uma palavra é a sua significação sendo esta, social. A compreensão de cada signo, seja ele exterior ou interior, se dá através da relação com o contexto em que é produzido, portanto em uma situação social. Através da relação entre o sujeito psíquico e ideológico existe um processo de interação dialético que acontece através das relações sociais.

Foucault (1995) analisa que os discursos possuem características históricas que não apresentam continuidade, devem ser tratados no jogo de suas instâncias, no momento em que são produzidos. Os acontecimentos discursivos referem-se a um conjunto finito e limitado de seqüências lingüísticas formuladas. O sujeito falante é um ser de intenções, através de seu dizer produz sentido ou não para outro sujeito. Desta forma o que é enunciado deve ser tratado em sua singularidade, em sua situação de existência e de acontecimento através dos jogos de relações dialéticas articuladas com outros enunciados. O enunciado é uma função de existência que pertence aos signos, possibilita dizer se ele faz sentido a partir de sua formulação, pressupondo as condições, as regras e o contexto em que é produzido. Um enunciado é sempre constituído por outros enunciados distinguido dos elementos da situação ou da linguagem que motivam sua formulação e lhe atribui um sentido. A enunciação é,

portanto um acontecimento que não se repete, tem uma singularidade situada. Isso não quer dizer que um mesmo enunciado não possa ser dito em outro momento, mas que ao ser, sua significação e efeito de sentido mudam. O enunciado tem existência material, essa materialidade se constitui através da ordem de uma instituição discursiva.

Estes pressupostos teóricos nos permitem definir os princípios metodológicos desta pesquisa que se fundamentam nas tendências discursivas de Linha Francesa, pois segundo Foucault (1995):

Analisar o discurso é fazer com que desapareçam e reapareçam as contradições; é mostrar o jogo que nele elas desempenham; é manifestar como ele pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhe uma fugidia aparência. (p. 173)

Sendo assim, o processo para a elaboração do *corpus lingüístico* desta pesquisa se deu a partir da dinâmica interlocutiva produzida nas relações de ensino. Para compreender a construção/manifestação da subjetividade e a forma como os discursos configuram-se para cada sujeito, recortamos fragmentos de produções textuais. Ressaltamos que estas estavam inscritas em eventos mais amplos. Utilizamos T1 (texto um), assim sucessivamente e mantivemos as iniciais dos nomes dos alunos, de modo a preservar a identidade.

Relataremos um eixo de trabalho realizado com o grupo que tinha como objetivo tomar conhecimento do sistema em que se inseria e no qual construía sua história enquanto sujeito. A opção por descrever o processo demonstra as possíveis mudanças discursivas ocorridas no decorrer de leituras, discussões e produções textuais, pois de acordo com o Lima (2003):

sujeitos e sentidos estão sempre em movimento e – são sempre os mesmos e são sempre outros. E nesse lugar de mesmo e do diferente, em que se dá o embate entre o simbólico e o político, manifestar-se-ia a identidade. (p. 257)

Este processo iniciou-se em 10/2006 com a leitura do texto *Direitos do trabalhador com carteira assinada*. A proposta de escrita era sintetizar as idéias levantadas sobre os aspectos que constituíam as relações de trabalho e desigualdade social:

T1- “Nos dias de hoje as empresas contratam os funcionários com mais dignidade^[1]. A exploração de crianças nas lavouras na zona rural em muita fazenda, os trabalhadores trabalham sem registro. Mal se alimentam. Na zona urbana vários tipos de exploração como menino e meninas sendo exploradas nas ruas sexualmente pelos próprios pais e padrastos. O que pode melhorar são jornada de trabalho e falta de convênio médico, dentista e transporte.”
E.M.

Adotando abordagens discursivas entende-se que este texto estabelece relações entre linguagem – história – ideologia. Diante da multiplicidade destacamos alguns enunciados discursivamente materializados neste texto que nos levam a filiá-los a uma formação discursiva do senso comum caracterizando o trabalhador como um sujeito insatisfeito. O autor assume

segundo Foucault (2001) sua função enunciativa e utiliza os substantivos *dignidade* e *exploração* criando outros efeitos de sentido encontrados no fio interdiscursivo que tece estes enunciados. Os dizeres se contradizem através da contraposição presente no texto. Existe uma necessidade subjetiva, um desejo materializado na expressão *mais dignidade* de que as coisas sejam feitas de forma mais honesta, no entanto a realidade descrita não nos permite materializar linguisticamente o sentido de *dignidade*, uma vez indefinida. Ao observar o advérbio de intensidade *mais* e a preposição *sem* estabelece-se uma relação de ausência com o substantivo *registro*, percebe-se novamente uma contradição, pois a dignidade não refere-se a falta de registro nem de tempo para se alimentar. Recorrendo aos escritos de Pêcheux (1995) consideramos este *mais* como um esquecimento da ordem da enunciação, produzido no sujeito através de uma ilusão referencial. Outra característica observada é o esquecimento ideológico, pois a dignidade referida encontra-se dentro de uma formação no qual “as palavras significam pela história e pela língua.” (ORLANDI, 2003: 32). A dignidade do trabalhador respalda-se pelos direitos e conquistas trabalhistas. Este discurso emergiu na era Vargas entre 1937-1945, de forma subjetiva permeia o inconsciente do trabalhador, pois o discurso ideológico da época responsabilizou-se por transformar Getúlio no “pai dos pobres”. É esta concepção que inconscientemente se tem das conquistas trabalhistas.

Descreveremos mais um trabalho desenvolvido com este grupo de EJA a partir da leitura do texto intitulado *Capitalismo*. Neste momento assistiu-se ao filme “Ilha das Flores”. Após discussões foi construído em 10/2006 um novo texto:

T1- “No sistema capitalista os donos das indústrias é que levam vantagem porque os trabalhadores não ficam com cem por cento do que eles produzem e os trabalhadores não levam vantagem até no salário que recebe. Nesse tempo de hoje o empregado acaba virando um simples escravo e o patrão leva muita vantagem porque eles tem uma casa boa, um carro importado, fazenda aonde ele pode contratar caseiro com toda a família.” E. M.

T2- “O sistema capitalista é um meio de desigualdade no país onde vivemos, porque nós trabalhadores nas indústrias produzimos 100% e muita das vezes ganhamos um salário indigno. E também não temos noção do que produzimos porque não somos informados sobre os grandes lucros das empresas”. G.I.

Ao introduzir a teoria capitalista durante o trabalho tornou-se possível, a partir da produção textual construir novas possibilidades de interpretações, entendendo que fazer isso, “que falar do outro significa postular sua presença na constituição de todo e qualquer discurso e, conseqüentemente, a ideologia como constitutiva das relações sociais” (CORACINI apud LIMA, 2003: 258). No T1 podemos entender que o autor constrói uma relação de oposição, na qual o sujeito *donos das indústrias* está de um lado e os *trabalhadores* de outro. Nesta relação observamos a presença de um já dito. O sujeito passa a ser constituído por um discurso outro atravessado por uma nova formação discursiva que por sua vez é ideológica. Ele se apropria

deste discurso e se inscreve em uma formação discursiva de crítica ao sistema capitalista. Se compararmos com a primeira produção textual não observaremos esta tomada de posição. Isso significa que um outro passou a constituir o seu eu, discursos passaram a ser postulados como verdade. Foucault (1999) defende que os discursos funcionando configuram-se como verdade, da mesma forma que esta não existe fora do poder, ela é deste mundo, produzida através de múltiplas coerções e efeitos regulamentados, assim cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade. Na expressão *carro importado* encontra-se a presença de um discurso que valoriza o que é estrangeiro, uma concepção ideológica que permeia o imaginário social de que o que é de fora é melhor. Este discurso transforma-se em verdade uma vez que o poder da palavra é manipulador e subjetivo. O não dito no texto refere-se ao fato de que o status social está ligado a conquista de produtos importados, este é um discurso constituinte do inconsciente, um já dito, uma memória discursiva. No T2 o autor se coloca como sujeito de seu dizer quando define-se como trabalhador, produtor e desinformado. Ele se constitui por uma interpelação que se dá ideologicamente através de sua inserção em uma formação discursiva. Em uma sociedade como a nossa, o sujeito é produzido sob a forma jurídica, de direito. Essa forma-sujeito corresponde historicamente, ao sujeito do capitalismo, “ao mesmo tempo determinado por condições externas e autônomo, responsável pelo que diz, um sujeito com seus direitos e deveres.” (ORLANDI, 2003: 45). Através do discurso de crítica ao sistema observamos que a negação morfológica prefixal in- *indigno* contribui para significar a impossibilidade de ocupar socialmente um lugar digno, de respeito e representatividade social. Neste texto observamos o conceito de alienação, pois esta é constitutiva do sistema capitalista. Segundo Marx (1998) a alienação se manifesta quando o objeto fabricado se torna alheio ao seu criador. Neste sistema os funcionários não conhecem o funcionamento das fábricas e nem o processo de produção. Os produtos criados pelos trabalhadores não lhes pertencem. Na ordem do discurso capitalista mercadoria – trabalho – lucro não são pensados de forma dissociada, do mesmo modo o trabalhador ao utilizar o enunciado *digno* não compreende que a dignidade e a inclusão social estão relacionadas à produtividade.

Nesta linha de trabalho, o grupo buscou na História as transformações ocorridas na organização do trabalho. Foi discutido o processo de industrialização em 11/2006 tomando como base os textos intitulados *Do campo para a cidade* e *Pequeno pulo ou grande salto*:

T1 “Foi principalmente a modernização que trouxe máquina para fabricar carro e trator para arar as terras para os agricultor e também prepara as ruas e avenidas para por o asfalto. A industrialização também trouxe muito desemprego porque se as pessoas não tiver um estudo adequado para mexer com os computadores que movimentam as máquinas, eles não tem nenhuma chance de trabalhar nas empresas.” E.M.

T2 “A partir da industrialização criou-se uma nova perspectiva de vida, uma visão diferente. Mesmo estando trabalhando aprendemos várias coisas, treinamentos, estudos, mais

estabilidade e qualidade de vida. Temos também o lado ruim, onde produzimos tanto e ganhamos tão pouco.” G.I.

A partir destes textos podemos tecer novos sentidos a estes enunciados materializados linguisticamente e perpassados por discursos outros. No T1 de que lugar fala o autor? Que posição discursiva ele assume? Se analisarmos o primeiro trecho sublinhado encontraremos um discurso simplista, incapaz de perceber que o processo de modernização afetou diretamente suas próprias experiências enquanto trabalhador rural. Que discurso ideológico é este que foi capaz de inculcar no inconsciente dos trabalhadores que o *trator* e o *carro* arando a terra representavam benefício para todos? A visão progressista que os sujeitos trazem em sua memória discursiva, a imagem do *trator* e do *asfalto* configura-se como ícone da modernização e de melhores condições de vida. Este discurso ideológico, veiculado principalmente pelas classes dominantes exerceu seu poder subjetivo transformando-se em verdade. Se analisarmos este processo a partir de uma visão Marxista, constataremos que o instrumento de trabalho ao tomar forma de máquina transforma-se em concorrente para o trabalhador. Segundo Marx (1998) quando as máquinas são aplicadas à agricultura:

a cooperação e a concentração em poucas mãos dos instrumentos de trabalho provocam transformações grandes, súbitas e violentas no modo de produção e, conseqüentemente, nas condições de vida e nas possibilidades de trabalho da população rural. (p. 490)

Ainda tecendo alguns sentidos a este texto observamos uma consciência crítica declarada em *trouxe muito desemprego*, no entanto ao citar o *estudo adequado* como ponte para melhores oportunidades torna-se possível filiar este enunciado a uma formação discursiva fundamentada no treinamento e no disciplinamento. Este adjunto adnominal *adequado* nos possibilita significar que não basta mais qualquer saber, não tem mais valor o saber fazer enquanto cultura, mas sim enquanto técnica. Foucault (1997) defende que a disciplina modela os comportamentos e faz com que os corpos entrem em uma máquina e as forças em uma economia, fazendo crescer as aptidões, as velocidades, os rendimentos e, portanto os lucros. No T2 os enunciados se filiam a mesma formação discursiva quando destacamos a expressão *visão diferente*, no entanto o autor se coloca como sujeito de seu dizer, através de um momento de identificação enquanto trabalhador, inserindo-se ao *nós*, utilizando os verbos aprender, ter, produzir e ganhar na 3ª pessoa do plural. Na expressão *mesmo estando trabalhando* a carga semântica provoca um jogo entre o dito e o silenciado que poderia se encontrar na incompletude do sujeito trabalhador.

Em 03/2007 assistiu-se o filme Tempos Modernos de Charles Chaplin. O objetivo era compreender como o sistema de produção capitalista transformou as condições de trabalho e as concepções a respeito do ser humano:

T2- *“Charles Chaplin foi um funcionário que nos deu um grande exemplo: de que nas indústrias nós devemos tomar muito cuidado com as máquinas, dar mais valor em nossos*

empregos e não ser distraído. Na minha opinião as empresas devem fazer um curso preparatório para que os funcionários não sofram acidentes e a produção aumente com qualidade. Quando as empresas derem valor aos funcionários eles vão produzir com mais alegria e terão empenho maior e satisfação em estar trabalhando.” E. M.

T5- “Com a evolução das máquinas, houve muitas mudanças como por exemplo, o crescimento das grandes cidades gerando vários empregos. Todo este benefício trouxe uma grande preocupação para o meio ambiente como a poluição. O que devemos fazer para combater isto é não derrubar árvores, mas sim plantar.” G. I

Tomando como referência o T2 torna-se possível observar um assujeitamento à ideologia capitalista baseada na qualidade da produção e na submissão dos funcionários frente ao trabalho. Os sentidos construídos a partir do filme demonstram a ingenuidade destes sujeitos trabalhadores, resultante de uma ideologia dominante que segundo Foucault (1997) é permeada pela noção de docilidade, que une o corpo analisável ao corpo manipulável. No T5, através das expressões sublinhadas, percebemos que o surgimento das máquinas resultou em crescimento e trabalho, mas que os mesmos prejudicaram o meio ambiente. Ao utilizar devemos o autor do texto se posiciona responsabilizando todos pela derrubada de árvores e prejuízos ao meio ambiente. Vemos um discurso emergir da memória discursiva do autor, este discurso outro o constituiu e se caracteriza por um já dito. O já dito referente a este texto reúne segundo Brandão (2004) um conjunto de discursos que coexistem em determinada conjuntura histórica e se inscrevem na instância de seu acontecimento. O discurso ideológico emergente seria “não derrubar árvores, mas sim plantar”. Este discurso assume poder quando é capaz de constituir o discurso do outro e de forma subjetiva manipulá-lo. O trabalho ideológico é de memória, pois segundo Orlandi (2003) só quando o dizer passa para o anonimato é que ele produz seu efeito de literalidade.

Em 04/2007 realizou-se a leitura de um texto descritivo sobre o ambiente de trabalho nas fábricas e era composto de imagens de crianças trabalhando em condições desumanas:

T1 “Estão cada vez mudando com a modernização porque na época que eu trabalhei na cerâmica... era muita exploração. A gente tinha que puxar um carrinho com quinhentos quilos com material refratário e outros funcionários tinha que esvaziar um forno com muita caloria. Mas com o passar do tempo as coisas vão mudando. Não se vê mais ninguém puxando aquele carrinho porque chegaram várias empilhadeiras. Aquela poluição também foi eliminada porque foram colocados vários vitrôs maiores e outras ventilações.” E. M.

T5 “...Do trabalho escravo ao operário tivemos algumas conquistas em relação aos direitos trabalhistas, mas ainda não é o suficiente.” G. I.

Tomando como referência estas produções podemos construir novas possibilidades de significação diante da heterogeneidade de enunciados produzidos. No T1 constatamos que ao

se colocar como sujeito de seu dizer e relatar sobre as condições de trabalho há alguns anos este estabelece uma relação de singularidade com o discurso do texto. Segundo Bosi (1994) a memória do trabalho é o sentido, a justificação de toda uma biografia:

O trabalho não é só ação, é também o lugar da ação, que a lembrança do operário sabe de cor, distinguindo os ambientes tranquilos... das seções reunidas e fétidas, onde se corria o risco de envenenamento e mutilação. (p. 475)

Neste texto, embora a singularidade se manifeste através do pronome pessoal “eu”, existe uma inserção desta experiência na coletividade. Esta referência permite-nos apontar que a identidade do trabalhador se constrói pela sua integração na esfera social. O sujeito se identifica e se reconhece em sua relação consigo mesmo e com os outros. Segundo Pêcheux apud Orlandi (1996) é a partir desta relação que se chega ao consenso intersubjetivo (a evidência de que eu e tu somos sujeitos) em que ao se identificar, o sujeito adquire sua unidade. Pode-se postular também no fio interdiscursivo do enunciado *aquela poluição* que as condições com que estes trabalhadores se encontravam eram desumanas, mas que com a modernização as coisas mudaram. O locutor filia-se ideologicamente, através do enunciado *chegaram várias empilhadeiras* a uma formação discursiva de valorização do trabalho mecanizado. As empilhadeiras simbolizam o fim da escravidão e o início de melhores condições de trabalho, embora mascarem o aumento do desemprego e da miséria. Na materialidade discursiva do T5 observamos uma tomada de posição por parte do autor. Ele se assume como sujeito de seu dizer filiando-se a uma formação discursiva de reivindicação por melhores condições. Através do verbo *ter* conjugado na 3ª pessoa do plural constatamos que esta identificação se manifesta também através da inserção no trabalho enquanto prática social.

A partir destas análises podemos recorrer a Bakhtin (2003) quando ele afirma que no diálogo das vozes, se soltam as entonações (pessoais - emocionais) vivas nas palavras e desta forma os conceitos e os juízos abstratos, encontram-se em uma consciência abstrata para se obter, portanto, a dialética das relações sociais.

A construção da subjetividade se constitui como um processo no qual concepções e valores se manifestam e se reconfiguram. A partir das análises que compreendem o corpus deste trabalho, tecemos alguns sentidos sobre a singularidade do sujeito, na qual os discursos internalizados muitas vezes correspondem a desejos, neste caso, de sujeitos da EJA que ao inserirem-se em uma ambiente de aprendizagem trazem a tona experiências vivenciadas durante a vida. Podemos compreender assim que a subjetividade encontra-se segundo Guattari apud Rey (2005) implicada de forma permanente em uma processualidade geradora no qual o individual e o social assumem sua complexidade, ultrapassando uma visão homogeneizante dos alunos e de seus modos de aprender e de vir - a - ser. No processo da EJA destacamos a importância de se considerar os aspectos singulares como elemento constituinte do trabalho com leitura e produção textual uma vez que os sentidos tecidos

discursivamente carregam em si a marca da individualidade, construída social, histórica e ideologicamente. O sujeito da EJA é complexo e como tal deve ser compreendido, considerando que os vínculos de pertencimento não estão pré-estabelecidos, mas em constante reconfigurações e rupturas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral I**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.

BOSI, E. **Memória e sociedade**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, N. H. H. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir. História da violência nas prisões**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

LIMA, R. C. C. P. Ser ninguém – ser alguém. Análise de discurso de uma narrativa de professor. In. CORACINI, M. J. (org). **Identidade e Discurso: (des) construindo subjetividades**. 1. ed. Campinas: Editora da Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política: Livro 1**. 16 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura**. 3. ed. São Paulo: Cortez.; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1996.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso. Princípios e procedimentos**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do Óbvio**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

REY, G. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico – cultural**. 2. ed. São Paulo: Thomson Learning, 2005.

[1] Grifo nesso.